

# MEMÓRIAS DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

## CLASSE DE LETRAS

---

Natália,  
sem máscaras

ANTÓNIO VALDEMAR

---



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA

LISBOA • 2024

Título: Natália, sem máscaras

*Edição:* Academia das Ciências de Lisboa

*Data de edição:* 2024

DOI: <https://doi.org/10.58164/spsg-zs21>

# Natália, sem máscaras

ANTÓNIO VALDEMAR

*A criação literária e a intervenção política de Natália Correia constituíram sempre um espetáculo: umas vezes as palavras eram macias e aveludadas, outras escaldantes de cólera e sarcasmo, nunca recorreu a máscaras. Foi, orgulhosamente, ela própria.*

Era uma força da natureza que desejava manter-se na íntegra. Mas só o pôde enquanto a saúde lhe permitiu. Natália Correia queria o impossível: continuar com o porte altivo, imponente, olímpico e a elegância física que faziam parar o Chiado, ou onde quer que passasse. Contudo, os últimos anos foram penosos. Fumar cigarros uns a seguir aos outros e ter apetite devorador para jantares opíparos e ceias pantagruélicas tem o seu preço. As caricaturas do Vasco não foram impiedosas. Um cartunista com força de Vasco podia ter sido muito mais cruel.

Nasceu a 13 de setembro de 1923, na ilha de São Miguel dos Açores, na freguesia da Fajã de Baixo, próximo da cidade de Ponta Delgada. O País mergulhara na turbulência social, na agitação política e na indisciplina militar. A crise financeira acentuava-se. As sucessivas alterações governamentais, na Itália de Mussolini e na Alemanha de Hitler, começavam a alastrar. A primeira metade do século XX deu lugar a um dos séculos mais trágicos e mais contraditórios da História. Foi neste quadro que se consolidou e expandiu o fascismo, o nazismo, o salazarismo e o franquismo.

Desenvolveu-se, a partir de então, a indomável personalidade de Natália. Pai e mãe entraram em rutura quando ela tinha alguns meses. O pai, Manuel de Medeiros Correia, que estafara a fortuna em libertinagens, emigrou para as Bermudas e depois para o Brasil. A mãe, Maria José Oliveira, professora primária que assimilou os valores cívicos e culturais da República, adquiriu formação laica e tendências libertárias. Colaborou em jornais e revistas. Frequentou tertúlias literárias e políticas, mas, desde sempre, preocupou-se com a educação das filhas: Carmen e Natália. Despertou-lhes o sentimento da música, a importância da história grega e romana, o simbolismo das fábulas, a decifração das figuras

mitológicas em face da realidade concreta. Incutir-lhes os valores da democracia. A rejeição de uma sociedade arcaica e patriarcal, todas as formas de autoritarismo. A energia do inconformismo e da rebeldia, perante situações obscuras e equívocas. Tudo isto que Natália assimilou na infância manteve-se até ao fim da vida.

Maria José Oliveira quis dar às filhas as oportunidades que não existiam em São Miguel. É republicana e tem relações pessoais e literárias com figuras da oposição. Radicou-se, em 1934, definitivamente, em Lisboa. Procurou dar às filhas as oportunidades que não existiam em São Miguel. O que era Lisboa nesse tempo? A Constituição Política e Administrativa de 1933 definira os alicerces do regime. Mas em 1934 intensifica-se o processo de consolidação da ditadura. O golpe militar de 28 de maio de 1926 encerrou o parlamento, extinguiu os partidos e os sindicatos, estabeleceu a censura — prévia à imprensa pôs fim ao estatuto democrático implantado com a República. A criação de uma polícia política que ficará tristemente célebre com o nome de PIDE, vai ser um dos sustentáculos. As estruturas penais da Alemanha de Hitler vão inspirar a legislação portuguesa e a sua concretização. A Itália fascista de Mussolini também constituirá um modelo para as organizações de trabalhadores e de jovens. Políticos, militares e intelectuais são presos, exilados ou com residência fixa desde os Açores até Timor ou buscam asilo na Espanha e na França. A repressão aniquila as tentativas de insurreição revolucionária.

O *Diário de Notícias* de 1 de janeiro de 1934 inseria, na primeira página, um poema de Silva Tavares, um dos poetas preferidos por Salazar, tal como Mário Beirão, António Correia de Oliveira e Adolfo Simões Muller. O poema com o título *Juízo do Ano* (o mesmo que se lê na última página do *Borda de Água*) refere, num tom sentencioso: *“Entre nós vamos ter um ano em cheio,/mercê da produtiva Agricultura./A fava, o trigo, a pera e o centeio/vão causar impressão pela fartura!.../mas a maior de toda a produção, /a que já se anuncia de maneira/ a fazer a riqueza da Nação/ vai ser a produção da oliveira!/Teremos tanto azeite, ao que se crê/que até serão vulgares os desleixos/d’untar com ele rodas e engrenagens./Ora tão azeitados, já se vê:— é fácil de prever quantas vantagens/nós temos, de que tudo entre nos eixos”*. Era uma alusão direta a Oliveira Salazar que ocupava diversas pastas ministeriais desde 1928 e, a partir de 1932, assumira a chefia do Governo que se prolongaria até Setembro de 1968, numa das mais longas ditaduras do século XX.

O salazarismo arrancara com o patrocínio de um sector decisivo das Forças Armadas, da igreja católica — ferida pelas leis da República — e o contributo do

poder financeiro e económico. A instauração da Censura, a vigilância sistemática da polícia política e o apoio incondicional de tribunais especiais, reprimiram a opinião pública e silenciaram os vários sectores da oposição. Foi em 1934 que a mãe de Natália e de Carmen se instalou, definitivamente, em Lisboa.

Maria José Oliveira procurou dar às filhas outros horizontes. Incutiu-lhes os princípios da liberdade, da independência, da solidariedade humana, os valores universais que fundamentam uma sociedade democrática. *“Sendo uma intelectual que não se pôde realizar inteiramente devido ao meio e às circunstâncias — recordou Natália — quiz preparar-nos”*. Entendia que *“o desenvolvimento intelectual da mulher corresponde a uma atitude social”*. *“A permanência em S. Miguel, mesmo na cidade de Ponta Delgada, não reunia condições para nos desenvolver”*. (...) era *“um meio muito exíguo”*.

Natália Correia ainda passou pelo Liceu de Ponta Delgada; frequentou em Lisboa o Liceu Filipa de Lencastre, mas sem qualquer aproveitamento. Ficou, apenas, com o primeiro ciclo dos liceus. Mostrou-se refratária aos métodos de ensino. Ela própria o declarou que *“não podia aceitar regras impostas de fora: eu é que as tinha de criar”*. A passagem pelos liceus foi, segundo as suas palavras, de *“ave migratória”*. O problema não se colocava, apenas, em São Miguel. Em Lisboa repetiu-se a mesma situação: os métodos eram semelhantes. A escola não constituía um espaço de formação. O ensino tinha de ser um ato de participação e cidadania, para habilitar os alunos a pensar e a interrogar o mundo.

### Primeiras Asas

Natália tornou-se, aos 22 anos — no esplendor da juventude — uma figura de Lisboa ligada aos acontecimentos literários e políticos que permaneciam na ordem do dia. Nesta primeira fase — dos anos 40 aos anos 50 — conciliou o jornalismo, a literatura e a política. Ainda colaborou no *Rádio Clube Português*. Integrou-se nos círculos da oposição democrática.

Três jornalistas micaelenses, amigos da mãe, que trabalhavam em Lisboa, estimularam as aspirações de Natália. Trata-se de Rebelo de Bettencourt (1894–1969) amigo de Fernando Pessoa e de Almada Negreiros, antigo chefe de redação do *Portugal Futurista* e que se acomodou, depois, a chefiar de redação da *Gazeta dos Caminhos de Ferro* e da revista *Viagem*, e o Padre Diniz da Luz (1915–1988) antifascista exaltado e anti-germanófilo tempestuoso, embora redator do jornal *A Voz*, um dos diários monárquicos, católicos, ultra conservadores, onde se

preparou a conspiração para implantar a ditadura militar, em 28 de maio de 1926 e introduzir , depois, o salazarismo.

Em 1946, Natália, principiou no quinzenário *Portugal Madeira e Açores*, empenhado na defesa dos interesses das então chamadas “ilhas adjacentes”. Chefiava a redação outro amigo da mãe: Breno de Vasconcelos (1909–1993), oriundo do *Correio dos Açores*, o memorialista do livro *A Paz Cinzenta* (1979), título retirado de um soneto de José de Medeiros Tavares (1899–1986), tradutor de Verlaine e Baudelaire, licenciado em Direito e colaborador de jornais. Colaborou, depois, no semanário *O Sol*, fundado e dirigido por Alberto Lello Portela (1893–1949), antigo político e parlamentar republicano e um dos militares que ingressaram nos primórdios da aviação.

Destacou-se com seu irmão, o advogado Raul Lello Portela, nos combates da oposição ao salazarismo. A chefia da redação d’ *O Sol* era assegurado por Alves Morgado (1901–1980) um outro profissional, conhecedor das regras do ofício. A distribuição de trabalho à redação (inclusive o desporto), as relações com os colaboradores, os contatos com a tipografia e a revisão escrupulosa de textos. Tinha a colaboração de grandes nomes, como António Sérgio e Maria Archer que deram visibilidade mediática ao *O Sol*. Acrescente-se: Sérgio vacinou Natália contra o PCP e a outros núcleos marxistas e comunistas.

Natália falava e redigia com desembaraço o inglês e o francês. Escreveu sobre política nacional e internacional: analisou as consequências da guerra de 1939 a 1945, as diretrizes de Mussolini e de Hitler, os efeitos do nazismo, os fundamentos do Reich, as extensões do fascismo na Europa, (e a sua) a disseminação em Portugal, na classe política e militar. Também escreveu sobre literatura e a arte. Publicou um romance, um livro de poemas e um livro de reportagem e de crónicas de viagens.

### **O veneno da política**

Herdou também da mãe — opositora declarada do salazarismo — o interesse pela política. Até à morte, a política constituiu uma solicitação irresistível: a ânsia incontável de possuir informação, em cima da hora, o desejo de partilhar nos debates e a disponibilidade para se embrenhar nas possíveis conspirações, num país repleto dos condicionalismos que se prolongaram até ao 25 de abril.

Subscreveu as listas do MUD que reclamavam a reposição das liberdades e garantias fundamentais. Envolveu-se na candidatura de Norton de Matos,

deslocou-se, expressamente a Ponte de Lima, para entrevistar o General, na sua casa de férias.

Participou, em 1958, na candidatura de Humberto Delgado à Presidência da República, concedendo uma entrevista explosiva ao *Diário Ilustrado*. Tomou parte outros movimentos, entre os quais a ocupação do navio *Santa Maria*, comandado por Henrique Galvão para acelerar a queda de Salazar e para pôr termo à política colonial. Tem um livro com o poema *Canto do País Emerso*, no qual que manifesta o seu apoio. Nas primeiras eleições do consulado de Marcelo Caetano, em 1969, colaborou com Mário Soares e Salgado Zenha, na formação da *CEUD*, em luta com o *MDP CDE*, que incorporava comunistas e outros radicais de esquerda. Incluindo os chamados “católicos progressistas”.

### Ironia e sarcasmo

Apesar de toda esta intervenção, ao surgir o 25 de Abril, os dirigentes partidários recearam convidá-la. Era imprevisível e um perigo iminente, em momentos delicados e complexos. Na linhagem das *Cantigas de Escárnio e Maldizer*, Natália Correia criou as *Cantigas de Risadilha*, para escarnecer a classe política. Não poupou amigos como Mário Soares e o Partido Socialista: “*Já não sei se é país se é orfanato/pois nem vela, nem reza, nem sabá/impede que em berreiro ou desacato/ande tudo à procura do Papá*”. (...) “*Tinha o PS pai. Mas o Marocas/mandou alguns filhotes para o galheiro/e do partido por trocas e baldrocas, /já não consegue ser o pai inteiro*”. (...) “*nesta lusa farronca sem vintém, /neste muda que muda sem mudança,/venha o que venha, há-de lixar-se quem/ do salsifré tiver a governança*”.

Em termo desdenhoso alvejou Freitas do Amaral: “*muito a preceito dos cristãos fervores/do CDS, o Lucas é o retrato/ De um menino Jesus entre os doutores/A meter mestre Freitas num sapato*”. Devido ao insólito mergulho no Tejo e outras peripécias não escapou Marcelo Rebelo de Sousa, o “*picareta falante*”: “*o Marcelo neste mapa/a brincar aos cowboys não há nenhum. passa rasteira: o mais subtil derrapa;/dá ao gatilho da intriga e faz: pum-pum.*” Sempre que podia dissecava o poder político e a rotina social. Zurziu as prosápias de fidalguia; os vícios e as vilezas dos novos e novíssimos-ricos, os intelectuais e artistas enfatuados, os políticos arrivistas e corruptos. Execrava, ruidosamente, a ignorância e o fanatismo.

Estreitou amizade com Francisco Sá Carneiro, ao apadrinhar a aproximação íntima com Snu Abecasis. Assim, só em 1979, por insistência de Francisco Sá

Carneiro, ingressou na Aliança Democrática. Finalmente, passou a ser deputada pelo PSD. Assumiu, como era de presumir, posições em divergência frontal com a linha de orientação política e religiosa da quase totalidade do PSD e do CDS.

A defesa do aborto deu lugar a uma intervenção de Natália que agitou a Assembleia da República. Ficaram célebres os seus versos, ao arrasar o deputado do CDS, João Morgado por ter proferido, auge do debate parlamentar sobre a legislação sobre o aborto, a afirmação perentória que *“o ato sexual é para fazer filhos”*. Natália não se conteve e escreveu, de jato um poema que circulou, em todo o País, até porque sairia, no dia seguinte, no *Diário de Lisboa*: *“Já que o coito — diz Morgado —/tem como fim cristalino,/preciso e imaculado/fazer menina ou menino;/e cada vez que o varão/sexual petisco manduca, /temos na procriação/prova de que houve truca-truca./Sendo pai só de um rebento, /lógica é a conclusão/de que o viril instrumento/ só usou — parca razão! — /uma vez. E se a função/faz o órgão — diz o ditado —/consumada essa exceção, /ficou capado o Morgado!”*

### As incógnitas sobre a FNDC

Confirmaram-se todas as apreensões. Nem o PSD lhe renovou o mandato, nem o PS — à frente do qual estava Jorge Sampaio — aceitou a proposta de entrar nas listas. Natália aderiu, então, ao Partido Renovador Democrático (PRD), que se constituiu sob a égide de Ramalho Eanes.

Porque nada mais lhe restava, em 1992, cerca de um ano antes de falecer, juntamente com José Saramago e Luís Francisco Rebelo entre outros, integrou a Frente Nacional Para a Defesa da Cultura (FNDC). Foi no segundo mandato presidencial de Mário Soares. Tinha por objetivo denunciar violações à liberdade de expressão, à ausência de pluralidade e diversidade na cultura e exigir uma estratégia para a real democratização do país. Os mal-entendidos e os conflitos reacenderam-se. A invenção e a extinção da Frente Nacional Para a Defesa da Cultura (FNDC), ainda não foram estudados.

### Percurso literário

Os primórdios da escrita de Natália Correia aproximam-se, em alguns aspetos, do neorrealismo. Demarcou-se, todavia, deste movimento literário e político. Ela própria explicou a sua opção: *“Se pus Anoiteceu no Bairro* (romance da sua autoria de 1946) à margem, não foi por ter sido escrito numa fase imatura da



minha vida, mas porque o entendo inautêntico. Embora o livro corresponda a preocupações ideológicas que mantenho, não estou interessada em fazer literatura programada.” Era da opinião que, entre nós, *“se fizera neo-realismo de empréstimo, de segunda mão”* (...) *“não se agitaram as pessoas e as instituições de forma a tornar visível o lodo depositado no fundo”* (...) *“Houve o medo”* — concluiu — *“de se realizar sequer um realismo a sério, porquanto este exige uma descida ao inferno e não vejo por aí quem se atreva além do purgatório”*. Por isso se afastou do neo-realismo, cortou com a orientação literária e política de escritores portugueses que o representavam, muitos dos quais pertenciam ao Partido Comunista ou estavam próximos dele. Foi ainda mais explícita: *“Não podemos competir — insistiu — com os mestres do neo-realismo americano e europeu que, bons ou maus, para quem aprecia o género, já disseram a última palavra”*.

Seguiu outro caminho que prosseguiu, com variantes óbvias. Passou a estar próxima do surrealismo. Já tinha relações pessoais com Mário Cesariny, Cruzeiro Seixas, Isabel Meyrelles, Alexandre O’Neill, Manuel de Lima, Mário Henrique Leiria e David Mourão Ferreira. Acrescente-se Luís Pacheco, editor dos surrealistas e de livros de Natália nesta fase literária: *Dimensão Encontrada* (1957), *Pasaporte* (1958), *Comunicação* (1959) e, mesmo, *O Canto do País Emerso* (1961).

A propósito da ligação ao surrealismo e aos surrealistas portugueses fez questão de observar: *“se existe qualquer relação entre a minha poesia e o surrealismo é francamente a posteriori, isto é para os que quiserem vê-la. Quanto a procurarem antecedentes, também temos por cá outros mais à mão que foram surrealistas sem pensar nisso: Gomes Leal e Sá Carneiro”*.

A criação de Natália, sempre avessa a cartilhas literárias e códigos estéticos diversifica-se nos livros de poemas, nos romances, nas memórias, nas peças de teatro e nos ensaios. Expande-se, em todos os sentidos, mergulha na complexidade do mundo, umas vezes numa interpelação provocatória, outras em torno das mais íntimas realidades. Em suma, uma obra coesa, nas suas afinidades eletivas.

### O último salão de Lisboa

Mesmo em vida, Natália Correia já pertencia à História de Lisboa. Residia num quinto andar do número 52 da rua Rodrigues Sampaio, entre a rua de Santa Marta e a Avenida da Liberdade. Ali permaneceu 40 anos, desde 1953 a 1993. Ali faleceu a 16 de março de 1993, horas depois de chegar a casa, ao regressar do *Botequim*.

O lendário diretor do *Diário de Notícias*, Augusto de Castro repetiu, até à exaustão, em livros, discursos e editoriais, que o “último salão literário de Lisboa” fora a casa, em Santa Catarina, de Maria Amália Vaz de Carvalho (1847–1921). É certo que marcou um tempo cultural, mas cada época tem o seu tempo, os seus protagonistas e os seus salões literários.

Na segunda metade do século XX a casa de Natália Correia, entre várias outras, foi um espaço privilegiado de convívio, rodeado de uma fabulosa biblioteca, de notáveis obras de arte e de surpreendentes peças de arte decorativa. A hospitalidade conjugava-se com a estatura intelectual dos convidados de Natália, em noites que avançavam pela madrugada. Durante a passagem por Lisboa ofereceu refeições a Marcel Marceau (que entrevistei, em 1959, ao lado de Natália, para o jornal *República*), ao poeta russo Ievtuchenko, ao poeta Henri Michaux; e, já no *Botequim*, ao jornalista e escritor Dominique de Roux — nas últimas horas do 24 de abril e nas primeiras horas do 25 de abril — autor do enigmático romance *O Quinto Império*, e ainda aos escritores americanos Graham Greene e Henry Miller.

### Visceralmente açoriana

Ficou sempre agarrada aos Açores. Nasceu, viveu e morreu açoriana. Um dos seus muitos poemas de forte componente insular resume-se nestes versos: “Para Lisboa me trouxeram/não de uma vez e embarcada:/minha longa matéria foi/pouco a pouco transportada./Recém-vinda de ficada/em morosa maravilha,/sempre a chegar a Lisboa/e sempre a ficar na ilha”.

Num dos seus livros mais emblemáticos, *Não Percas a Rosa*, deparamos com sucessivas recordações da infância e da adolescência associadas a memórias gustativas, olfativas e visuais como, por exemplo, o cozido das Furnas sempre com inhames e maçarocas de milho. Desce mesmo ao pormenor: “cozidas na terra fervente e mole à beira da Lagoa e que depois comemos numa mesa de pedra sob as plumas dos fetos; por entre colinas de pedra pomes, líquenes, musgos, mantos verdes que pendem dos ribanceiros onde se abrem as alas rosadas e azuis das hortênsias”.

Os elementos primordiais da natureza — o ar, a água, o fogo e a terra — articulam-se em situações de confronto e diálogo, entre o mito, a alegoria e o símbolo. Integram-se, quantas vezes, através do território de São Miguel, uma ilha dentro da ilha desde a ponta da Ferraria até à Povoação, recortada na ondulação das suas lombas; desde o areal dos Mosteiros até às rochas a pique do Nordeste.

Era o seu universo para as viagens possíveis e impossíveis, perante todos os cais da Ilha abertos para o mundo.

### O Botequim

Multiplicaram-se as dificuldades financeiras. O marido, Alfredo Machado, um jogador compulsivo, deixou de ter os recursos para manter uma vida apartada para Natália possuir em casa um salão — o seu palco doméstico — para receções faustosas e requintadas.

Em 1971, Natália, com o marido e a escultora Isabel Meyreles fundaram, no Largo da Graça, onde existiu em tempo uma carvoaria, um o bar restaurante que lhe permitiu, um novo espaço para voltar a pontificar. Tinha necessidade permanente de espetáculo. Chamava-se *O Botequim*, um nome que remetia para os cafés e restaurantes de Lisboa, do século XVII, do tempo de Bocage, da implantação do regime liberal e da independência do Brasil.

Rapidamente *O Botequim* ganhou a maior notoriedade. Existiam (e existem) outros centros de convívio e de conspiração: o *Snob*, na rua do O Século; o *Procópio*, nas Amoreiras; o *After Eight*, na Praça das Flores. Nenhum deles, comparável a *O Botequim*.

Concentravam-se no *Botequim* poetas e escritores de várias tendências. Políticos de todos os quadrantes. Deputados, ministros, atuais ou futuros, presidentes da República. Representantes da FLA, o movimento da independência dos Açores. Incorporou as fases conturbadas do processo revolucionário e contrarrevolucionário que vivemos na sequência do 25 de abril.

Encontrava-se Natália envolvida, em 1971, em controvérsias políticas e literárias que deram brado em todo o País. Desencadeara no consulado de Salazar e na “primavera marcelista” duas ruidosas polémicas que a levaram à barra do Tribunal Plenário de Lisboa. O primeiro processo, motivado pela introdução e coordenação da *Antologia de Poesia Erótica e Satírica* (1965). O segundo processo devido à responsabilidade editorial das *Novas Cartas Portuguesas* (1972) da autoria de Maria Velho da Costa, Maria Teresa Horta e Maria Isabel Barreno. Ambos os livros desencadearam o alarme da Censura e a imediata apreensão da PIDE. Natália foi julgada e condenada, ao cabo de nove anos de guerrilhas judiciais. NOTA: O 25 de abril determinou o ponto final.

A presença carismática de Natália pontificou, no *Botequim*, durante mais de 20 anos. Com a morte de Natália, morreu o Botequim. Revive, contudo, na

*Fotobiografia de Natália Correia*, de Ana Paula Costa (2006); no livro de Fernando Dacosta *O Botequim da Liberdade* (Lisboa, 2013) e na biografia romancada de Filipa Martins *O Dever de Deslumbrar* (2024). Um fato, porém, é incontestável: malograram-se as tentativas de revitalizar o Botequim. Com a morte de Natália o *Botequim* ficou morto e enterrado.

### **Ela e só ela**

A memória de Natália perdura na sua obra. Pouco antes de falecer reuniu as poesias completas em dois volumes e com o título genérico *O Sol das Noites e o Luar dos Dias* (1993). Clara Rocha classificou nesta síntese lapidar: “o retrato de uma voz que se modula nos sons da fúria ou da emoção lírica, do riso ou da mágoa, da saudade e da vivência, mas que estremece e livre, resiste, se transforma e transforma”.

O nome de Natália encontra-se consagrado em ruas, de Lisboa e dos Açores, em diversas bibliotecas, no repertório musical de Carlos Alberto Moniz e num café de Angra do Heroísmo e com a seguinte lápide: “Quando me derem por morta/de lágrimas nem uma pinga:/um trevo de quatro folhas/tenho debaixo da língua./ Está em regra o passaporte./Venha o limite de idade não me chorem, não é morte é só invisibilidade./Túnel, poço ou espiral/suga a alma. Fica o corpo /Vai-se a cópia sideral/e isso não é estar morto.”

As comemorações centenárias — que se realizam de 2023 a 2024 — em Portugal, em França, nos Estados Unidos e noutros países, têm demonstrado, mais uma vez, que o seu legado perdura. A criação literária e a intervenção política de Natália Correia, constituíram sempre um espetáculo: umas vezes as palavras eram macias e aveludadas, outras escaldantes de cólera e sarcasmo nunca recorreu a máscaras. Foi, orgulhosamente, ela própria.

COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE LETRAS  
NA SESSÃO DE 26 DE OUTUBRO DE 2023

COMUNICAÇÃO RECEBIDA A 30 DE NOVEMBRO DE 2023

## RECUPERADO O ESPÓLIO DE NATÁLIA CORREIA

*O património familiar de Natália resumia-se aos bens de um tio, irmão do pai — o Padre Francisco Oliveira Correia — muitos anos pároco da freguesia da Achadinha, na costa norte da ilha de São Miguel. Acumulou bens patrimoniais e depósitos bancários. Era extremamente conservador. Como poderia aceitar, a separação da mãe do Pai, a rebeldia literária e política de Natália e, ainda por cima, três casamentos civis consecutivos: com Dias Ferreira, em 1942; com William Hylen, em 1949 e com Alfredo Machado, 1953, um homem muito mais velho e (a partir de 17 de março de 1990) viria ainda a casar com um amigo íntimo de longos anos, o poeta e realizador Dórdio Guimarães.*

*O resultado foi óbvio. O advogado José de Medeiros Tavares (1899–1986), da Ribeira Grande, a meu pedido, sem levar quaisquer honorários, consultou as possíveis disposições testamentárias. Obviamente, Natália e a irmã ficaram sem hipótese de se habilitar aos bens móveis e imóveis. No livro Não percas a Rosa (1978) Natália aludiu ao tio — sem lhe citar o nome — com o maior desdém.*

*O recheio da casa de Natália Correia, na Rua Rodrigues Sampaio, em grande parte, pertencia ao colecionador Manuel Cardoso Marta — a quem dera acolhimento no final da vida — a biblioteca, os quadros, óleos, guaches, desenhos, esculturas e objetos raros de arte decorativa. Era amigo de sua mãe e também o professor de Natália que, durante anos, contribuiu para que ficasse com uma sólida cultura intelectual. Apurou-lhe os conhecimentos de língua portuguesa. Desenvolveu-lhe os rudimentos de francês e inglês que passou a falar e a escrever corretamente.*

*O viúvo de Natália, o poeta Dórdio Guimarães viria a ser o herdeiro natural de todos os bens de Natália, incluindo os de Cardoso Martha. Após a morte de Dórdio Guimarães, que fizera 16 testamentos, Luís Fagundes Duarte, na altura, Diretor Regional da Cultura, decidiu avaliar a importância da biblioteca. Como solução de emergência — e perante reais tentativas de apropriação que têm sido ignoradas — mandou fotografar cada uma das prateleiras das numerosas estantes. Incumbiu o advogado Álvaro Monjardino de clarificar este processo. Por tudo isto, o espólio distribuiu-se por*

*São Miguel, para a Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, pela Biblioteca Nacional de Lisboa e pela Sociedade Portuguesa de Autores. Evitou-se (tanto quanto possível...) o roubo e a dispersão. Manuel Cardoso Martha (1882–1958) figueirense dos quatro costados, lecionava em Lisboa na Escola Fonseca Benevides. Antigo seminarista, com profundo conhecimento das humanidades clássicas da literatura portuguesa e das várias literaturas europeias, Cardoso Martha era um erudito, bibliógrafo, bibliófilo, colecionador de manuscritos e de livros raros e antigos.*

*Entre numerosos manuscritos encontrou-se uma coleção de poesias com o título “O Purgatório dos poetas: poesias eróticas d’alguns escritores portugueses dos séculos XV a XIX/coligidas por Cardoso Marta. — 1935”. Revista e acrescentada com autores contemporâneos, viria a constituir a polémia “Antologia de Poesia Erótica e Satírica”, coordenada por Natália Correia e editada por Fernando Ribeiro de Melo.*

*A herança de Cardoso Martha — que organizou em 1912 e 1913 no Grémio Literário o I.º e II.º Salão dos Humoristas — possuía desenhos, aquarelas e guaches de Almada Negreiros, Stuart Carvalhais, Christiano Cruz, Jorge Barradas e outros participantes no primeiro modernismo.*

*O então Presidente e vereadores da Câmara da Figueira da Foz — Adelino Pedrosa Veríssimo — fizeram diligências para que todo esse acervo literário e artístico ficasse depositado no Museu Santos Rocha, na altura, a cargo de Vitor Guerra. Era uma promessa que tinha em contrapartida o pagamento da Câmara Municipal e outros serviços a Cardoso Martha, pela estadia e alimentação na Figueira da Foz, durante verões sucessivos e outras passagens do ano. Só que não existia nem testamento, nem doação.*

*Consultados os advogados Manuel João da Palma Carlos e Luís Francisco Rebello, amigos de Natália e do marido Alfredo Machado, verificaram não haver qualquer documento de Cardoso Martha nesta matéria. Impunha-se o cumprimento da lei. Portanto: Natália limitou – se generosamente a entregar à Figueira da Foz livros e opúsculos relacionados com a cidade e o seu concelho. Um tema ainda a investigar. A.V.*